NACIONAL

WORLD ECONOMIC FORUM

Brasil, o melhor em rede instalada

O País está a frente de países como Chile, que ficou em segundo, com 4,10 pontos

Daniel Oiticica
do Rio

Duas semanas após ter perdido duas posições no ranking do Relatório Mundial de Competitividade 2002-2003, elaborado pelo World Economic Forum (WEF), o Brasil conquistou a primeira posição no ranking latino-americano de infra-estrutura de rede instalada. Esta classificação consta no Relatório Mundial de Tecnologia de Comunicação e Informação 2002-2003, também elaborado pelo fórum.

O resultado comprova que os avanços tecnológicos e a maior democratização do acesso ao mundo digital possibilitaram ao Brasil se manter praticamente no mesmo patamar de desenvolvimento econômico, no ranking de competitividade.

"No ambiente macroeconômico, o Brasil não tem apresentado resultados tão satisfatórios, o que reforça o importante papel da tecnologia para o País. Se não fosse por este bom resultado, o Brasil poderia ter perdido ainda mais posições no ranking", afirma a economista do Programa de Competitividade Global do Fórum Econômico Mundial, Fiona Paua.

No ranking de competitividade mundial, o Brasil caiu da 46ª para a 44ª posição. Em uma escala de zero a sete, o Brasil obteve 4,44 pontos. Segundo o estudo, o País ganhou a liderança por apresentar um ambiente de mercado relativamente saudável e forte utilização de "network" (rede) para promover ne-

gócios. O Brasil está a frente de países como Chile, que ficou em segundo lugar, com 4,10 pontos, Argentina, a terceira colocada, com 3,62 pontos, e o México, o quarto colocado, com 3,58 pontos. No fim da lista ficaram Nicarágua, Honduras e Haiti, com 2,39 pontos, 2,34

Rede Latina	
Índice de Infra-estrutura de rede de informática instalada*	
1 Brasil	4,44
2 Chile	4,10
3 Argentina	3,62
4 México	3,58
5 Costa Rica	3,55
6 Uruguai	3,40
7 República Dominicana	3,37
8 Trinidad e Tobago	3,32
9 Colômbia	3,32
10 Jamaica	3,28

Fonte: Fórum Econômico Mundial
*Em escala de 0 a 7

pontos e 2,06 pontos, respectivamente.

Por reconhecer que a infra-estrutura de rede instalada é a chave para o desenvolvimento econômico o FEM, em parceria com uma das maiores escolas de negócios do mundo, a Insead, e o Programa de Desenvolvimento de Informação do Banco Mundial (infoDev), examinou o quanto as economias da América Latina estão preparadas para desenvolver novas tecnologias. O resultado completo do trabalho fará parte da

segunda edição do Relatório Mundial de Tecnologia de Comunicação e Informação, que terá 400 páginas e será divulgado em janeiro. O estudo considera os papéis de três participantes do mercado — indivíduos, empresas e governos — além de examinar a infra-estrutura de rede instalada de acordo

com três dimensões: o ambiente de tecnologia da informação, como condições do mercado, estrutura política e regulamentar; a prontidão dos indivíduos, da comunidade empresarial e do governo; e a utilização da tecnologia pelos três entes do mercado.

Os primeiros resultados, divulgados ontem, que apontam a liderança do Brasil na região, mostram também que as economias latino-americanas ainda estão em um patamar inferior, no que diz respeito à tecnologia, na comparação com outros países da Europa.

Os organizadores do estudo ainda não revelaram a posição dos países latinos em relação às nações europeias e asiáticas, mas garantem que ainda há uma diferença muito grande entre o desenvolvimento tecnológico e o acesso a estas tecnologias na Europa e na América Latina.

"Quando você visita uma comunidade carente no Rio de Janeiro, por exemplo, você escuta das lideranças que o que elas precisam é de saneamento básico e não tecnologia da informação. O mais difícil é conseguir dar acesso ao mundo digital a estas pessoas e convencê-las de que a melhoria das condições de um povo tem que estar ligado à tecnologia", afirma o diretor executivo do Banco Mundial, Bruno Lanvin, que ontem visitou o Morro da Mangueira, no Rio.

Para o professor e reitor de educação Executiva da Insead e subdutor do relatório, Soumitra Dutta, ainda há muito o que fazer na América Latina para se alcançar patamares de maior desenvolvimento.

"O Brasil se saiu bem porque realizou movimentos importantes, como nas áreas de telecomunicações e de e-governo — o governo eletrônico — principalmente na área fiscal e eleitoral, além de aumentar o acesso de alunos de escolas públicas aos benefícios de uma rede de computadores", afirma.

O professor, entretanto, faz algumas ressalvas. "Em um quadro mais amplo, a posição do Brasil e de seus vizinhos na região deve ser vista com moderação. Estes países estão em um grupo intermediário. De forma global, América do Norte e Europa estão melhor posicionados. Brasil, Argentina e Chile precisam aprender e usufruir das experiências de outros países mais avançados, sobre a forma mais eficaz de aproveitar o potencial da internet e um acesso mais efetivo", afirma Dutta.

O professor cita exemplos de nações menos desenvolvidas

É justamente nos momentos de retração econômica que se deve investir em tecnologia

economicamente que conseguiram montar boas estruturas de tecnologia graças ao intercâmbio de informações com outros países. "Eu sou indiano e em meu país existe muita pobreza, mas uma promissora rede de fabricação de softwares. Hoje, muitos softwares que chegam aos Estados Unidos são feitos na Índia", diz.

Em relação ao futuro, os especialistas são otimistas. "Se o Brasil souber dar acesso e ampliar o alcance à tecnologia em pontos públicos, escolas e hospitais, o País vai se dar muito bem. É preciso usar essa liderança conquistada com o e-governo para passar a um nível superior, que é o de criar um acesso único a todos os serviços de governo", diz Dutta.

Para o Banco Mundial, as nações mais pobres devem concentrar esforços para aproveitar o que o banco chama de papel contracíclico da tecnologia.

"É justamente nos momentos de retração econômica que se deve investir em tecnologia para colher os frutos no futuro. As nações não devem esperar para investir em tecnologia, devem fazê-lo agora", afirma Lanvin, do Banco Mundial.

Acesso ao mundo digital dá cidadania aos jovens

Daniel Oiticica
do Rio

Foi graças a políticas como a do Comitê para Democratização da Informática (CDI) que o Brasil conseguiu alcançar o melhor resultado entre os países da América Latina, no ranking do Relatório Mundial de Tecnologia de Comunicação e Informação, do Fórum Econômico Mundial (FEM).

A idéia, criada em 1995 pelo sociólogo Rodrigo Baggio, de promover o acesso ao mundo digital ao mesmo tempo em que se desenvolve conceitos de cidadania na população jovem de comunidades carentes, é apontado pelo FEM como um dos maiores projetos de inclusão digital do mundo.

Com o apoio de empresas como a Sun Microsystems e a Microsoft, o CDI começa a ganhar o mundo.

No próximo mês, o comitê inaugurará sua primeira sede em Buenos Aires, na Argentina, onde promete expandir sua rede de escolas que já passam de 600, sendo 50 no exterior.

África do Sul, Angola, Guatemala, Honduras e Uruguai já utilizam a experiência de unir acesso à tecnologia com cidadania.

Até mesmo no Japão, onde o CDI montou uma estrutura para captar doações de computadores de empresas, já chegou a rede de inclusão digital, criada no Brasil.

"Trabalhamos com uma metodologia diferente, que ao mesmo tempo em que ensina o aluno a manejar os principais programas de informática também fornece a ele noções básicas de cidadania, como questões ligadas à educação, sexualidade e violência", afirma Marco Mendonça, coordenador institucional de desenvolvimento do CDI.

A participação de empresas como a Sun Microsystems no projeto propicia um crescimento superior a 70% ao ano no número de escolas ligadas ao projeto.

"Nunca se viu como hoje no Brasil uma convergência tão grande em termos de inclusão digital. Governos, organizações e empresas se uniram de verdade para promover o melhor acesso ao desen-

volvimento tecnológico", afirma o gerente de desenvolvimento de negócios da Sun, Rubeny André Monteiro.

Uma radiografia da exclusão digital no Brasil já está sendo preparada para ser divulgada em março.

Comandada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), que, com outras organizações, faz parte do Grupo de Ação para Inclusão Digital, o mapeamento definirá quais são as áreas e regiões do Brasil mais carentes em relação ao acesso às tecnologias e descobrir onde estão as melhores oportunidades.

O trabalho será feito com base em estudos já publicados, como os censos do IBGE e a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios).

O economista Marcelo Neri, da FGV, tem nas mãos alguns dados do mapeamento. Neri já sabe, por exemplo, que o Distrito Federal é a região onde há maior acesso a computadores nos lares.

"No Distrito Federal, 25% das pessoas têm acesso a computadores em casa. No Rio, o número chega a 17,9%. Em contrapartida, Maranhão e Piauí são os estados com o menor índice de acesso a computador de 2,38% e 3,52%, respectivamente", afirma Neri.

Segundo os dados, 12% da população brasileira têm acesso a computadores em casa. Entre os brancos, este número sobe para 18,8%.

"Aqui se percebe mais facilmente o apartheid digital do Brasil", diz Neri. Entre os analfabetos, 4% acessam computador de suas casas. Do total da população considerada miserável, 98,5% não tem acesso a computador.

O estudo faz comparações. Entre um piauiense e um paulista, por exemplo, o primeiro tem oito vezes menos chances de possuir um computador em casa que um paulista.

"Precisamos mapear estas características em todo o Brasil para descobrir outras regiões onde é preciso se realizar um trabalho mais efetivo de inclusão digital", afirma Neri.